

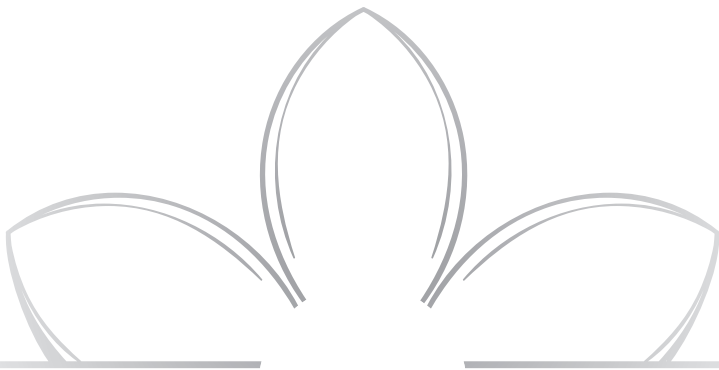
RAJ SISODIA

DESPERTAR

UMA JORNADA PARA O PROPÓSITO,
A PAZ INTERIOR E A CURA



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2024



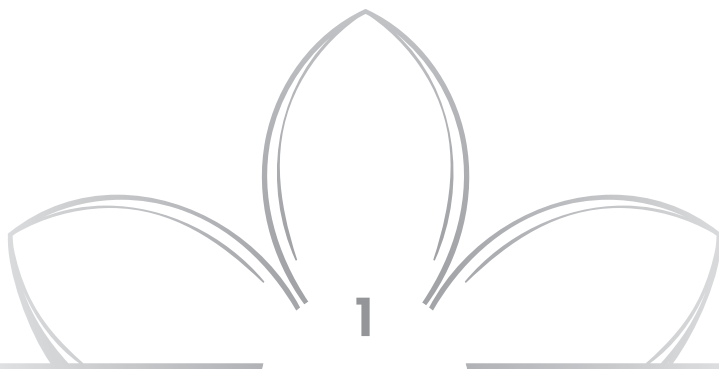
Sumário

<i>Agradecimentos</i>		<i>xi</i>
<i>Sobre o Autor</i>		<i>xv</i>
<i>Prefácio</i>		<i>xvii</i>
<i>Prefácio da edição brasileira por Hugo Bethlem</i>		<i>xix</i>
<i>Prólogo</i>		<i>xxiii</i>
CAPÍTULO 1	RAÍZES	1
	A Vida sem Papai	1
	De Kesur ao Canadá	3
	Papai Retorna	10
	Reflexões	13
CAPÍTULO 2	TROCA DA GUARDA	15
	Um Mundo Novo	15
	Perplexos em Barbados	16
	Serenos em Salinas	18
	Confusos no Canadá	22
	Reflexões	24
CAPÍTULO 3	RETORNO DO NATIVO	27
	O Sistema “Suar” de Ratlam	28
	Objetos de Curiosidade	31
	Pouso Forçado	32

	Escola de Horrores	34
	A Inocência Perdida	38
	Base em Indore	38
	Reflexões	42
CAPÍTULO 4	RETORNO A KESUR	45
	O Lado Sombrio de Kesur	48
	Tiraniam em Cascata	51
	Reflexões	53
CAPÍTULO 5	SEM TEMPO PARA SONHAR	55
	Minha Sorte Acaba	60
	Sobrevivente Resiliente	63
	Despertar Político	64
	Rumo a Mumbai	66
	De Volta para o Futuro	70
	Reflexões	71
CAPÍTULO 6	NOVA YORK, NOVA YORK	73
	Meca do Marketing — ou Caos?	74
	Torre de Marfim da Ivy League	75
	Acadêmico por Acaso	77
	Drama do Dote	79
	Dilema da Tese	81
	Fuga de Nova York	83
	Reflexões	86
CAPÍTULO 7	BOSTON BLUES	87
	Fora da África	92
	Um Casamento sem Bênçãos	97
	Pesadelo na Commonwealth Avenue	100
	Reflexões	102
CAPÍTULO 8	UM NOVO COMEÇO	105
	O Retorno do Filho “Pródigo”	107
	Enfim um Mentor	113

	Defendendo Minha Posição	115
	Uma Família em Crescimento	119
	Despertando Meu Lado Criativo	120
	Reflexões	122
CAPÍTULO 9	DE VOLTA A BOSTON	125
	Novo Milênio, Novos Desafios	127
	Meu Inverno de Insatisfação	130
	Coisa Boa, Coisa Ruim — Quem Sabe?	132
	Seguindo Meu Coração Partido	134
	A Vergonha do Marketing?	135
	Reflexões	137
CAPÍTULO 10	PROPÓSITO NOS POCONOS	139
	Lágrimas de Felicidade	139
	Metamorfose	140
	Como Se Tornar um Instrumento da Evolução	141
	Como Renegociar um Relacionamento	144
	Como Dobrar a Aposta	145
	Portas de Correr	147
	O Nascimento de um Movimento	149
	Com Expandir o Movimento	151
	Reflexões	153
CAPÍTULO 11	EM BUSCA DA PAZ INTERIOR	155
	Em Busca de Consolo Espiritual	157
	Será Que Eu Conseguiria Ser Feliz?	161
	Crescendo... e Afundando	165
	Reflexões	167
CAPÍTULO 12	DESPERTAR CONSCIENTE	169
	As Mulheres Sábias	172
	Dupla Revelação	177
	Chega de Negar	180
	Reflexões	180

CAPÍTULO 13	CICATRIZANDO A FERIDA PATERNA	183
	A Ferida Paterna	183
	Minha Relação com Meu Pai	184
	Como Visualizar o Panorama Geral	186
	Inocência Perdida — e Reconquistada	187
	Luto ou Alívio?	189
	Um Destruidor de Famílias por Duas Vezes?	190
	Como Curar a Ferida Paterna do Meu Filho	191
	Últimas Palavras	192
	Reflexões	193
CAPÍTULO 14	HONRANDO MINHA MÃE E ALCANÇANDO A INTEGRIDADE	195
	Quem Era Usha?	198
	Retrato de um Casamento	201
	Passamentos	202
	Aproximando Minha Mãe de Meu Pai	203
	Reflexões	204
CAPÍTULO 15	DESCOBERTAS	207
	Seja Fiel a Si Mesmo	208
	Esteja Aberto a Novas Aventuras	211
	Seja Seu Melhor Amigo e Coach	212
	Questione as Crenças Tradicionais	212
	Escolha Sua Vida	213
	Incorpore os Opostos Aparentes	214
	Reconheça e Cure Seus Traumas	215
	Seja um Guerreiro da Paz por Verdade e Amor	217
	Desperte!	218
EPÍLOGO	CURANDO O PATRIARCADO	219
	A Necessidade de Curar Kesur	220
	Meu Dever e Meu Destino	221
	Círculo de Cura	222
	O Caminho à Frente	226
	<i>Índice</i>	227



Raízes

Em dezembro de 1960, meu pai, um brilhante iconoclasta que superou todos os obstáculos para conquistar um diploma de ensino superior, havia juntado a enorme quantia de 5 mil rúpias (cerca de US\$700 na época) para uma passagem só de ida de Nova Delhi para Winnipeg, no Canadá — deixando para trás sua jovem família. Narayan Sisodia tinha 24 anos. Eu tinha 2, e minha mãe, Usha, estava com 23 e grávida da minha irmã, Manjula.

A Vida sem Papai

Saindo de uma pequena vila no coração da Índia, Narayan voou através dos sete mares até o Canadá, como um pássaro que, milagrosamente, percorre milhares de quilômetros em busca de temperaturas mais agradáveis. Ele ficaria fora por quatro longos anos fazendo doutorado em citogenética, ou melhoramento de plantas, na Universidade de Manitoba. Com os meses e anos, ele lentamente se transformou em uma figura mítica.

Após sua partida, minha mãe, seguindo a tradição indiana, recolheu-se à casa dos pais para o nascimento da minha irmã. Alguns meses depois, ela retornou à vila do meu pai, Kesur, onde foi inserida em uma família conjunta profundamente conservadora, cercada pelos pais do marido, seus irmãos e irmãs, sua cunhada e seus jovens filhos. Foi um período infeliz e solitário para ela. As mulheres pouco fizeram para confortá-la. Em vez disso,

havia muitas conversas maldosas sobre como a maioria dos homens não retornava depois de partir para os Estados Unidos (que, na mente delas, não se distinguiu do Canadá). Minha tia dizia: “Ele não vai voltar. Vai encontrar uma *Mem* lá [mulheres brancas eram chamadas de *Memsahibs* nos tempos coloniais] e se casar.” Cada fotografia enviada pelo meu pai, cada linha de cada carta que ele escrevia era examinada em busca de evidências que apoiassem essa teoria. Muitas noites, minha mãe chorava até dormir — uma jovem noiva forçada a viver como uma viúva.

Com o tempo, minha memória do meu pai esmoreceu. Passei a conhecê-lo apenas por fotografias, como uma figura glamourosa vestida em ternos escuros, camisetas de malha, golas rolê, óculos escuros estilo Aviador, ocasionalmente exibindo uma barba. Ele parecia o personagem de um filme, não meu pai de carne e osso.

Quando completei 5 anos, minha mãe me enviou para Ratlam, uma pequena cidade a 80km de Kesur, para receber uma educação adequada no St. Joseph’s, um colégio de freiras de língua inglesa gerido por missionários. Isso gerou alguns comentários mordazes por parte das minhas tias em Kesur, que estavam satisfeitas em enviar os filhos *delas* para a escola da vila, de língua hindi. Meu avô se juntou às zombarias. Ele estava sempre caçoando de Usha: “Com essa filha mimada de aristocrata vivendo conosco, muito em breve estaremos falidos e mendigando nas ruas.”

Os cinco meio-irmãos da minha mãe estavam matriculados na mesma escola. O pai havia alugado uma casa grande para a prole na Colônia dos Aposentados, onde viviam pensionistas ferroviários. Morei lá por dois anos com minha tia de 8 anos, quatro tios jovens e uma governanta que nos alimentava e cuidava de nós.

Periodicamente, minha mãe vinha visitar e reclamava com a governanta que eu havia emagrecido e escurecido. A governanta resmungava sobre minhas incursões ao pote de açúcar. Mas meus boletins escolares tranquilizavam minha mãe de que eu estava razoavelmente feliz e indo bem.

Eu passava os verões e outras férias em Kesur. Meu primo Gajendra (18 meses mais velho) e eu éramos inseparáveis. Durante as refeições, comíamos do mesmo prato, insistindo em alimentar um ao outro em vez de nós mesmos. Em todas as viagens que os tratores faziam, éramos passageiros e voltávamos sujos de lama e desgrenhados, para desespero de nossas mães. Juntávamos bitucas de *beedi* (minicharutos indianos finos)

e tentávamos fumar, imitando os adultos. Se não desse certo, tentávamos com os talos de palha. Éramos pequenos foras-da-lei despreocupados.

De Kesur ao Canadá

Os relatos das conquistas acadêmicas do meu pai no programa de doutorado foram recebidos sem grande surpresa, pois a maioria das pessoas passou a considerá-lo quase que exclusivamente por seu sucesso incessante nos estudos. Narayan havia enfrentado grandes obstáculos para chegar tão longe.

Kesur era uma vila grande para os padrões indianos, com cerca de 3 mil pessoas. Situada no coração do país, destacava-se pela proporção equilibrada de hindus e muçulmanos. Nossa casa, chamada de Rowla (“a casa do senhorio”), parecia um pequeno forte com ameias e torres. Ela estava localizada entre as casas dos hindus do vilarejo, caracterizadas por bandeiras cor de açafão, à nossa direita, as casas dos muçulmanos, com bandeiras verdes, à esquerda. Como a maioria das Rowlas, ficava no ponto mais alto. Diante da casa e descendo uma encosta íngreme, fluía um rio.

Nossa família pertencia à casta dos guerreiros (ou Kshatriya), logo abaixo dos Brahmins em status social no rígido sistema de castas indiano. Dentro disso, éramos parte da subcultura Rajput (veja o destaque), descendentes de governantes que dominaram grande parte do norte da Índia durante séculos.

Quando criança, Narayan era sempre lembrado, de maneira severa, que sua primeira responsabilidade era com os deveres na fazenda; a escola não poderia interferir no trabalho. Nos períodos de pico, como de plantio e colheita, meu avô mobilizava todos os meninos da Rowla para várias tarefas. Os filhos mais velhos dirigiam os tratores e supervisionavam os trabalhadores, enquanto os mais jovens patrulhavam os campos com estilingues, acenando e gritando para espantar os papagaios verdes das lavouras. Meu avô enviava um mensageiro para informar aos professores que as crianças da Rowla não iriam à escola até que a colheita estivesse armazenada ou as sementes, plantadas.

A educação que Narayan recebeu no ensino fundamental, na escola da vila, foi medíocre, mas isso não o deteve. Seu pai — Thakur Girwar Singh, um homem autodidata e impetuoso que só estudou até a quarta

série — desconsiderava as ambições de Narayan com relação aos estudos. Para ele, muito estudo apenas criava *lakir ke fakir*, uma expressão popular entre os velhos sábios da vila que significava “adorador de palavras”. Além do básico, como ler, escrever, somar e subtrair, estudar era para os infelizes que eram obrigados a aceitar empregos assalariados — não para alguém tão rico em propriedades e prestígio como Girwar, que havia trabalhado duro a vida inteira para acumular para si e seus quatro filhos.

Meu pai era brilhante e enérgico. Diferentemente dos irmãos, estava determinado a não deixar que as circunstâncias de seu nascimento determinassem seu destino. Praticamente todos à sua volta recebiam os planos de suas vidas logo ao nascer. Em vez de se irritar com as restrições do pai, Narayan apenas trabalhava mais duro do que qualquer outra pessoa para agradar ao pai e a si mesmo. Ele fazia os deveres de casa até tarde da noite sob a luz de uma lamparina a querosene suja (levaria décadas até que a eletricidade chegasse à vila) e completava muitas de suas tarefas antes do nascer do sol.

Meu avô dizia aos filhos: “Até a oitava série é mais do que suficiente. Vocês sabem ler e escrever; agora, mãos à obra na fazenda.” Mas Narayan insistiu em continuar seus estudos. Mudou-se para Dhar, a 19km de distância de casa, para obter seu diploma de ensino médio. Seu avô, o incomumente ameno Thakur Hari Singh, mudou-se para lá, em uma casa alugada, para cuidar dele.

Após se formar no ensino médio, Narayan sonhava em se tornar médico e, em segredo, foi a Indore (uma cidade grande a cerca de 50km de Kesur) para fazer o concorrido PMT (teste pré-médico), no qual se saiu excepcionalmente bem. Quando meu avô descobriu, não quis nem ouvir falar nisso. Após muita discussão e súplicas, ele concordou que Narayan poderia ir para a faculdade, mas apenas se ele obtivesse um diploma em ciência agrícola, que ao menos teria algum valor prático na fazenda. Em 1955, Narayan, aos 19 anos, partiu para Gwalior, cidade a cerca de 482km de distância. Lá, teve uma carreira acadêmica estelar, tornando-se presidente do corpo estudantil e ganhando uma medalha de ouro por ser o primeiro da classe. Ele voltava para Kesur todas as férias, por mais breves que fossem, e se dedicava ao trabalho na fazenda.

Há boatos de que Narayan se apaixonou por uma moça na faculdade — uma blasfêmia em sua rígida cultura feudal. Para piorar a tolice, a

garota não era de uma família Rajput. Narayan não tinha liberdade para escolher a própria noiva; esse dever e privilégio eram irrevogavelmente do pai dele. Assim que Girwar descobriu, começou a providenciar o casamento de Narayan. E este logo cedeu, pois entendia a cultura da qual fazia parte. Sabia que o amor de um pai Rajput era condicional; qualquer um que se desviasse do rebanho e se recusasse a obedecer às ordens paternas seria sumariamente expulso da família. Eu aprenderia essa dura lição.

Foi a segunda vez que Narayan cedeu aos desejos do pai; ele havia abandonado o sonho de se tornar médico e, agora, estava se submetendo ao pai em relação à escolha de uma parceira para a vida. E não seria a última vez. Essas e outras futuras concessões acabariam se transformando em ressentimentos profundos à medida que Narayan tentava construir uma vida entre dois polos conflitantes: a autodeterminação e o dever para com a família.

Os Rajputs

A palavra *Rajput* deriva do sânscrito *Raja Petra*, ou filho de reis. Os Rajputs são uma importante ramificação da casta Kshatriya, guerreiros tradicionalmente encarregados de manter a lei e a ordem e defender-se de ataques de forças externas.

Os Rajputs surgiram nos séculos IX e X no noroeste da Índia, governantes de muitos reinos independentes que guerreavam entre si até enfrentarem a ameaça comum dos invasores muçulmanos. Os Rajputs resistiram aos conquistadores, mas enfim cederam ao controle Mughal no século XVI. O último dos resistores foi Maharana Pratap (a quem nós, Sisodias, traçamos nossa ancestralidade).

Os Rajputs são socialmente conservadores e defendem seus costumes com vigor. Tradicionalmente, eram celebrados por sua bravura e seu sacrifício pessoal. Seguiam um rígido código de honra. Muitos mostraram genuína nobreza e coragem excepcional diante de desafios insuperáveis.

O rígido código de honra estendia-se às mulheres e às crianças, que eram esperadas e, muitas vezes, coagidas a cometer autoimolação em massa em um ritual chamado *jauhar*, para evitar a humilhação e o abuso nas mãos dos conquistadores. Essa tradição derivava

da prática do *sati*, na qual viúvas eram empurradas para piras funerárias. Os homens, então, partiam para a morte certa — uma prática conhecida como *saka*. A prática do *sati* é venerada e celebrada pelos Rajputs até os dias atuais, embora não seja mais permitida.

Com o tempo, muitos Rajputs passaram a ser definidos por seus estilos de vida indulgentes, por vezes decadentes: boa comida, álcool, ópio, caça, concubinas. Desenvolveram a reputação de serem cruéis e violentos com os agricultores camponeses. Muitos ainda vivem em minipalácios e fortalezas cercadas por muros com mirantes para rifles.

A cultura Rajput permanece rigorosamente patriarcal e misógina. Até pouco tempo atrás, as mulheres não podiam possuir terras ou tomar decisões sobre assuntos financeiros. Trabalhar fora de casa era quase impensável, mesmo em famílias educadas. A maioria delas mantém o rosto coberto na companhia de homens mais velhos. Até hoje, as mulheres Rajput não chamam seus maridos pelo nome de batismo. Como uma delas disse ao *New York Times*: “Para a esposa, o marido é Deus. E você não chama Deus pelo primeiro nome.”

Ambos os meus avôs eram Thakurs, uma casta privilegiada de proprietários de terras Rajputs logo abaixo dos reis. Cada um tinha cerca de 2km² de terra, uma vasta propriedade pelos padrões indianos (a maioria dos agricultores tem menos de 0,02km²). Muitos Thakurs controlavam seus pequenos feudos com mão de ferro, enquanto alguns eram mais paternalistas. Os antigos filmes de Bollywood costumavam retratar os Thakurs como vilões: bebedores, estupradores assassinos com turbantes coloridos e bigodes ostentosos.

As esperanças de Narayan conseguir uma esposa com educação universitária provaram ser impossíveis de se concretizar. Naquela época, as meninas Rajput não conseguiam avançar nos estudos; a maioria não completava o ensino médio. Meu avô encontrou uma boa parceira para meu pai: a filha mais velha de Thakur Jaswant Singh Pawar de Berchha, um homem educado com gostos refinados e ocidentalizados e comportamento tranquilo. Usha havia estudado até a oitava série e, segundo os relatos, tinha as qualidades de uma noiva adequada.

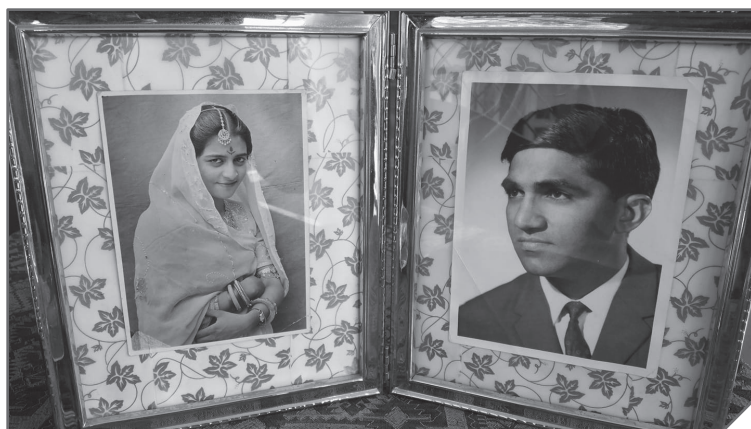


Figura 1.1 Meus pais aos 20 anos

As famílias da noiva e do noivo eram muito diferentes, e não havia como ninguém julgar a compatibilidade entre Narayan e Usha. No entanto, os mapas astrológicos deles sugeriram uma excelente combinação. Depois que os pais concordaram com o casamento, Narayan espiou uma pequena fotografia em preto e branco de uma bela e recatada Usha. Ela nem sequer viu uma foto do meu pai; disseram-lhe que iria se casar com um homem educado e que deveria confiar no destino para todo o restante.

Em 20 de maio de 1957, quando Usha acabara de completar 20 anos e Narayan estava a algumas semanas de completar 21, a comitiva de casamento (composta de 60 homens e uma serva que cuidaria da noiva na viagem de volta) partiu de Kesur para a poeirenta e agitada viagem de ônibus de seis horas até Berchha, um povoado de algumas centenas de pessoas. Cinco dias depois, o ônibus retornou, trazendo a comitiva de casamento e um Narayan e uma Usha adornados com flores, separados por uma cortina improvisada na frente. Ela estava resplandecente em um sári rajastani vermelho e joias de ouro brilhantes, seu rosto completamente coberto pelo *pallu* do sári. O ônibus estava carregado com seu dote — móveis de madeira, baús de roupas, uma máquina de costura Singer, panelas e frigideiras novas, copos de aço inoxidável e bandejas redondas de aço que a família havia lhe presenteado para ajudar a montar a casa. Além do dinheiro que o pai havia pago a Girwar como parte do dote.

Narayan logo voltou para Gwalior para o último ano de faculdade. Usha montou sua solitária casa conjugal em um único quarto com pare-

des cobertas de barro dentro da vasta Rowla. Três meses depois, Narayan retornou a Kesur nas férias escolares e, logo após, Usha partiu mais uma vez para Berchha, desta vez para ser cuidada pela madrasta durante sua recém-descoberta gravidez.

Quando Narayan se formou, em 1958, houve uma repetição da cena de três anos antes com o pai. O prestigiado Instituto Indiano de Pesquisa em Agricultura em Nova Delhi oferecera a Narayan uma bolsa de estudos integral para o mestrado. Meu avô acabou cedendo, desta vez sem restrições, percebendo que Narayan não seria dissuadido.

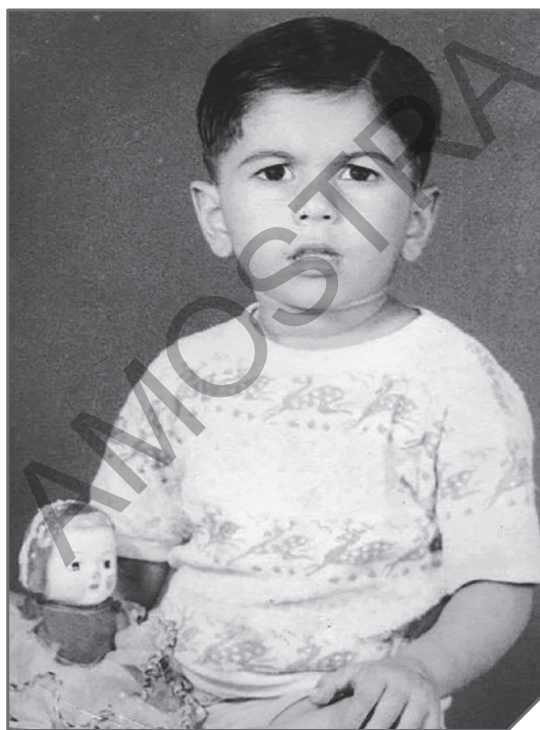


Figura 1.2 O autor com 1 ano de idade

Nasci em 28 de junho de 1958, em Ratlam, que ficava entre as vilas dos meus pais. Minha mãe já havia escolhido um nome. Eu seria Rajendra, que significa “senhor dos reis” ou “rei dos Deuses”; ela tinha grandes esperanças para esse bebê rechonchudo e carrancudo. Também era o nome do ator favorito de Usha, o belíssimo Rajendra Kumar. Para aliviar a pres-

são, ela me apelidou de *Pappu*, que denota gentileza e inocência — qualidades que ela mesma encarnava como ninguém. Meu pai passou alguns dias conosco e então partiu para a nova vida em Nova Delhi.

Os dois anos seguintes foram uma repetição do primeiro ano de casamento de Usha — lutando para manter sua identidade em uma família conjunta sufocante na qual ela não tinha liberdade ou poder, mas muita responsabilidade —, intercalados por visitas breves e agitadas de Narayan.

A cunhada de Usha queria que ela fizesse a maior parte do trabalho na cozinha. Como ela agora tinha um bebê que exigia seu tempo, minha tia colocava um grão de ópio em minha boca toda vez que eu acordava e começava a choramingar, me deixando inconsciente por horas e liberando minha mãe para continuar o trabalho.

Usha estava angustiada com isso, mas se sentia impotente para objetar. Em circunstâncias normais, o marido a teria defendido. Mas ele não estava por perto. Desesperada, ela escreveu uma carta cheia de lágrimas para seu pai. Assim que a leu, Jaswant Singh pegou o próximo ônibus para Kesur. Ao chegar lá, ele não mediu palavras. Com uma rara explosão de raiva, exigiu: “O que diabos vocês estão fazendo com meu neto? Parem com essa bobagem imediatamente.”

Em 1960, Narayan voltou de Nova Delhi com o diploma de mestrado e mais uma medalha de ouro. Ele acabara de completar 24 anos, e sua educação havia ido tão longe quanto podia na Índia. O mestrado elevou seu status acadêmico, mas também despertou nele o desejo de ajudar a transformar a agricultura indiana. Muitos de seus professores em Delhi haviam estudado nos Estados Unidos e no Canadá e o contagiaram com o sentimento palpável de entusiasmo que vinha do trabalho científico. Tinham grande estima por ele e imploraram para que não deixasse a academia. A “Revolução Verde” indiana na agricultura estava apenas começando, acendendo a esperança de que a Índia pudesse se tornar autossuficiente em alimentos e fazer com que as frequentes fomes ficassem no passado.

Cheio de idealismo, Narayan queria mais do que tudo contribuir para o avanço da agricultura científica criando novas espécies híbridas. A genética do melhoramento de plantas poderia trazer benefícios milagrosos para todos. No entanto, essas oportunidades de pesquisa estavam disponíveis apenas para aqueles que tinham um doutorado.

Ele se sentia preso em Kesur, aquela cidade pequena e remota, ainda sem eletricidade, e sobrecarregado com uma jovem esposa e um filho bebê. Suas medalhas de ouro e seus diplomas não ofereciam consolo. Ele não tinha incentivo intelectual ou companhia. O pai esperava que ele voltasse para casa e elevasse milagrosamente a produtividade na fazenda. Ele tentou explicar às pessoas no vilarejo que seu interesse em agricultura estava em outro plano. De fato, ele não tinha nenhuma fórmula mágica para transformar a fazenda. Além disso, a fazenda ia bem o suficiente; o pai entendia de rotação de culturas, irrigação, fertilização e prevenção de doenças. Logo, o inevitável cinismo se instalou; Narayan havia desperdiçado o tempo de todos, inclusive o seu. O que se poderia esperar de um *lakir ke fakir*?

Não encontrando compreensão ou orgulho por parte do pai, Narayan recorreu aos antigos professores em Nova Delhi. Entre eles, estava o lendário M. S. Swaminathan, considerado o pai da Revolução Verde da Índia, que recomendou com entusiasmo Narayan para vários programas de doutorado nos Estados Unidos e no Canadá. Dentre eles, o da Universidade de Manitoba, nas planícies congeladas de Winnipeg, tinha um corpo docente excepcional e ofereceu bolsa — o suficiente para ele viver, mas não o bastante para trazer e sustentar a família.

No verão de 1960, Narayan pediu ao sogro que ajudasse a levantar a quantia de 5 mil rúpias para a passagem. Era mais de seis vezes a renda per capita anual na Índia na época. Seu próprio pai se recusou a ter qualquer coisa a ver com a última de uma série aparentemente interminável de ideias insensatas; ele não estava mais falando com o filho. Em dezembro, Narayan partiu de Nova Delhi rumo a Winnipeg e um doutorado em citogenética. Ele deixou para trás uma esposa preocupada, recém-grávida, e um filho que não compreendia; carregava consigo o peso de enormes expectativas e esperanças.

Papai Retorna

Desafiando os que previam o pior, meu pai retornou à Índia no início de 1965. Foi recebido com uma acolhida tumultuada, quase eufórica. Ele havia ido aos confins do mundo e retornou triunfante, de volta à sua família, seu povo e suas raízes. Meu avô, que se opôs fortemente à sua